

AS MULHERES COMO EDUCADORAS: a feminização no magistério

WOMEN AS EDUCATORS: feminization in teaching

Simeire da Silva Santos¹ - UNEMAT
Luciana Raimunda de Lana Costa² - UNEMAT
Regiane Cristina Custódio³ - UNEMAT

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir e compreender os fatores condicionantes que levaram as mulheres a se tornarem professoras na contemporaneidade, e como tem se perpetuado a ideia de que a mulher teria vocação para lecionar. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, in loco, e na condução da realização de entrevistas, a metodologia história oral, para investigar a ideia de vocação feminina para lecionar. O corpus deste estudo, foi constituído por meio da realização de entrevistas gravadas com um grupo de seis professoras da rede pública da educação básica da cidade de Barra do Bugres/MT, narrando a sua inserção e práxis na docência tendo como foco problematizar a profissão de professora e a feminização no magistério. Buscamos compreender os avanços e desafios enfrentados pelas entrevistadas perante uma sociedade conservadora, em que a mulher era (é) vista apenas como a rainha do lar.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Vocação; Mulher; Feminização.

ABSTRACT

The present text aims to discuss and comprehend the conditioning factors that led women to become teachers in contemporary times, and how the idea that women would have the vocation to teach has been perpetuated. We use bibliographic and on-site research as a methodology to investigate the idea of female vocation to teach. The corpus of this study was constituted by conducting recorded interviews with a group of six teachers from the public network of basic education in the city of Barra do Bugres/MT, narrating their insertion and praxis in teaching focusing on problematizing the teaching profession and feminization in the teaching profession. We seek to comprehend the advances and challenges faced by the interviewees in a conservative society, in which the woman was (is) seen only as the queen of the home.

KEYWORDS: Teaching; Vocation; Woman; Feminization.

DOI: 10.21920/recei72022825200219
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72022825200219>

¹Mestranda no Programa de Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: mevressantos21@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1143-9321>.

²Doutoranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora da Escola Estadual Dona Rosa Frigger Piovezan, no município de Comodoro-MT. E-mail: luciana.costa@unemat.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3298-7861>.

³Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: regianecustodio@unemat.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4121-9370>.

INTRODUÇÃO

A instrução feminina não tinha muito valor em meados do século XIX e início do século XX. Foram décadas para que as mulheres conquistassem o direito à educação e ao magistério, tal fato se deve em parte, à influência da igreja, pois o catolicismo considerava como uma destinação natural às mulheres educar as crianças. Desse modo, permitir que as mulheres se instruissem era contribuir para a formação dos homens, tendo em vista que elas educariam as crianças, consecutivamente, formariam os futuros homens.

Assim, a ideia de vocação feminina para lecionar ou mesmo a ideia de que a mulher nasceria predestinada para tal ofício, pouco a pouco ganhou visibilidade na sociedade do século XIX, pois o magistério era entendido como uma extensão da maternidade.

Desde a Revolução francesa, conforme observa Monteiro (2012) momento em que a escolarização feminina ganhou força e defendia-se uma educação igualitária para meninos e meninas, nas décadas de 1870 e 1880, nos principais países da Europa, a participação feminina no processo de escolarização, paulatinamente, foi ganhando visibilidade.

Conforme acentua Louro (2004, p. 443) “se o destino da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava de certa forma a extensão da maternidade [...]”, ou seja, permitir que a mulher exercesse a profissão de professora era apenas firmar a subordinação delas perante a sociedade conservadora, pois sendo uma “extensão da maternidade”, a profissão de professora só poderia ser exercida pelas mulheres como forma de repassar às crianças os valores morais que a sociedade imputava na época.

Assim, as mulheres deveriam cultivar-se para viver em sociedade, de forma que não concorresse com os homens profissionalmente ou intelectualmente, pois ultrapassar tal ponto seria colocar em risco a segurança social (ALMEIDA, 1998). O magistério passou então a ser destinado às mulheres, pois como professoras poderiam exercer um trabalho além do ambiente familiar, mas que de certo modo não se distanciasse do ofício da maternidade.

Na análise que Bourdieu (2002) faz da sociedade, considera que a ordem social funciona como uma máquina, na qual se alicerça e se ratifica a dominação masculina sobre o sexo feminino, logo a divisão social do trabalho acontece na sociedade de forma restrita, sendo reservado ao homem o lugar de mercado e à mulher os serviços domésticos.

Considerando o exposto, compreendemos a relevância em discutir esse tema, tendo em vista, problematizar e compreender a profissão de professora na sociedade contemporânea, pois ao ser, historicamente, caracterizada como uma atividade que para ser exercida, bastava uma dose de amor, o ofício de mestre, de profissional professora, perdia, significativamente, o seu valor.

Chamom (2005) por sua vez, observa que as mudanças ocorridas no magistério, e a construção do papel social das mulheres como professoras consecutivamente, afastou os homens que atuavam como professores evidenciando assim, que ser professor era papel feminino (CHAMON, 2005, p. 12).

Diante dos aspectos considerados até aqui, o presente estudo vislumbra discutir a condição de submissão que as mulheres se encontraram por décadas, bem como, de que forma elas, pouco a pouco, conquistaram seus direitos sociais, sendo o magistério a porta de entrada para a mulher no mercado de trabalho. Evidenciaremos, através das narrativas das professoras, como a profissão de professora era representada socialmente, visto que para ser exercida, conforme a discursividade da época, era necessário ter vocação e uma dose de amor.

O presente estudo está dividido em três etapas; no primeiro momento utilizamos a pesquisa bibliográfica, em que discutimos o processo educacional feminino, a inserção da mulher no mundo educacional e posteriormente na profissão de professora, pois em um período em

que o acesso das mulheres ao ensino continuava extremamente precário, algumas vezes masculinas de setores intelectualizados da sociedade levaram em consideração a defesa da instrução feminina, considerando claro, seu papel de boa mãe e boa esposa (ALMEIDA, 1998).

No segundo momento, problematizamos como em diferentes períodos históricos, e ainda atualmente, as professoras são vistas como quem deve desempenhar uma profissão de predestinação, e de algum modo, quando falam de sua profissão, muitas delas ainda mostram-se identificadas com tal representação. Nosso olhar está voltado para uma tentativa de compreender o que levou a considerar as mulheres como naturalmente educadoras, como se elas nascessem com a vocação ou predestinadas para exercer o ofício de professora.

No terceiro momento apresentamos uma discussão sobre a profissão de professora na contemporaneidade, no qual serão apresentados os dados coletados por meio de entrevistas orientadas pela metodologia da história oral¹, e constituídos como *corpus* empírico da pesquisa, momento em que as professoras entrevistadas evidenciaram suas representações sobre sua inserção na profissão, sobre o que é ser professora na contemporaneidade e porque escolheram a profissão de docente.

AS MULHERES E A ESCOLA: o processo educacional feminino

O século XIX foi um período de diversas transformações históricas, no qual ocorreram conquistas e crises econômicas que ressoavam em vários lugares do mundo, dentre essas mudanças podemos destacar o início de um forte movimento em favor da mulher, no qual com a construção das democracias a mulher passou a conquistar um lugar na sociedade, pois elas sempre foram vistas como inferiores aos homens, sempre subordinadas às suas vontades, excluídas do mundo político e social (MONTEIRO; GATI, 2012).

A mulher despertou o interesse de pesquisas acadêmicas e conquistou mais espaço na sociedade no século XIX, mas ainda predominavam alguns dos discursos arcaicos que consideravam que o homem era o detentor da inteligência, da razão lúcida capaz de tomar as melhores decisões. E a mulher ainda era considerada um ser sensível, movido pelo coração, e por isso, sentimentalista. Elas eram a emoção, eles, a razão. Tendo em vista tal aspecto, era de se esperar que os homens fossem considerados superiores a elas até em sua capacidade de tomar decisões.

O sexo feminino considerado sensível e movido pela paixão tornou-se fundamental na sociedade para educar as crianças, pois, ao educar as crianças, as mulheres estariam formando os homens (MICHELET, 1995 apud MONTEIRO; GATI, 2012, p. 3070). Conforme acentua os autores, as mulheres eram fundamentais na educação das crianças, pois a profissão seria apenas a extensão da maternidade, sendo as mulheres consideradas indivíduos sensíveis e agradáveis, o magistério seria a profissão perfeita para o considerado sexo frágil.

Esse discurso retrógrado foi defendido por séculos nas sociedades conservadoras, evidenciando claramente a divisão de papéis sociais entre homens e mulheres, em que cada um tem seus devidos lugares. A partir dessa divisão de papéis sociais dar-se-á a constituição de um espaço privado familiar predominantemente feminino. Nesse contexto, Bordieu discute que a

¹A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então difundiu-se bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br>. O que é História Oral | CPDOC. Acesso em: 03 maio 2021.

dominação masculina acontece de forma social e dispensa justificção “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Assim, a ordem social tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça a divisão do trabalho bastante restritas às atividades atribuídas a cada um dos sexos, de modo que a mulher sempre trabalhou em vários ofícios do lar, costurando, limpando, confeitando, mas nunca teve seu trabalho reconhecido, tudo era visto como parte de sua obrigação como esposa.

Somente no século XIX com a Revolução Industrial, a mulher conquistou, pela necessidade de mão-de-obra que as indústrias passaram a ter, a oportunidade de trabalhar em troca de salários. Contudo, pouco tempo depois o trabalho assalariado das mulheres começou a incomodar os homens. Após a inserção das mulheres em outros serviços passaram a surgir questionamentos sobre quais tipos de atividades remuneradas elas poderiam exercer, sem que deixassem de cumprir com os seus compromissos no espaço privado da família como mãe e esposa.

O espaço que vinha sendo conquistado pelas mulheres no mundo do trabalho no século XIX gerou grande incômodo social, e logo elas passaram a ser observadas e a condição da mulher exercer um trabalho remunerado além de seu ambiente doméstico, passou a ser considerado um problema que exigia uma urgente resolução. Nesse aspecto Joan Scott (1994) considera que:

O problema da mulher trabalhadora era ser ela mesma uma anomalia num mundo onde o trabalho assalariado e responsabilidades familiares se tinham tornado ocupações a tempo inteiro e especialmente diferenciadas. A “causa” do problema era inevitável, um processo de desenvolvimento industrial capitalista com uma lógica própria (SCOTT, 1994, p. 444 apud MONTEIRO; GATI, 2012).

Como podemos notar o trabalho assalariado da mulher começou a ser visto como um problema, pois fugia das suas “responsabilidades” com o lar (casa, filhos e marido), em um período de desenvolvimento social e industrial. Os homens da época resistiam às mudanças que vinham ocorrendo, nas quais, lentamente, as mulheres começavam a buscar a igualdade e conquistar, aos poucos, uma pequena autonomia no cenário de uma sociedade conservadora e preconceituosa.

Com as mudanças que ocorriam na sociedade (Revolução Industrial, aceitação das mulheres nas escolas³), é de suma importância ressaltar que os movimentos feministas na Europa e na América buscavam igualdade entre homens e mulheres durante o século XX. Esses movimentos conquistaram expressividade e ganharam força passo a passo e, contribuíram para a criação de Escolas em cidades e vilas. Deu-se, então, início à escolarização da mulher, no entanto os conteúdos ministrados às meninas deveriam ser diferentes dos conteúdos ensinados aos meninos, visando que não se pretendia, ainda, inserir a mulher no mundo do trabalho.

³Segundo Louro (2004) as últimas décadas do século XIX apontam, pois, para a necessidade da educação para mulher, tendo em vista o processo de modernização social, e as mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, desse modo, o processo de urbanização e industrialização desencadeou efeitos na mentalidade da sociedade da época (ALMEIDA, 1998), logo, o discurso sobre a importância da educação feminina passou a ser recorrente na sociedade do século XIX, e coincidiram com o surgimento das primeiras reivindicações do feminismo que atingiu gerações e gerações de mulheres a despertar para as desigualdades sociais a que estavam submetidas. Enquanto as mulheres cada vez mais ocupavam lugares nas escolas e salas de aula, no início do século XX, os homens abandonavam a escola e as salas de aula, pois com o processo de industrialização ampliava-se as oportunidades de trabalho para os homens.

Compreendemos, assim, que, uma vez mais, prevalecia o poder do homem sobre as mulheres, mesmo tendo acesso à educação formal, o foco era os afazeres domésticos, o amor à pátria e aos valores da família e da sociedade. Para elas, não eram ensinadas as formas matemáticas e nem física, esses conteúdos eram voltados somente ao ensino para os homens. (MONTEIRO; GATI, 2012).

Em meados do século XIX, nos anos 1870 levantaram-se bandeiras sociais visando defender a instrução/escolarização feminina, e foram propagados socialmente discursos que associavam a modernidade e o progresso à educação da mulher. Com total apoio da imprensa as notícias sobre a atuação da mulher em várias partes do mundo passaram a ser veiculadas e o progresso e a instrução delas passou a ser reconhecido.

Assim, foram criadas várias instituições para a formação de professoras primárias, chamadas Escolas Normais. Estas tinham seus métodos e valores baseados nos países europeus, entretanto, no Brasil havia dificuldade para ter acesso aos estudos. A criação destas escolas estava ligada à institucionalização pública, às ideias liberais e à extensão do ensino primário, mas havia outras dificuldades na implantação destas escolas, como por exemplo: encontrar pessoas habilitadas e dispostas a exercer o magistério, visto que umas das grandes dificuldades era a má ou nenhuma remuneração (MONTEIRO; GATI, 2012).

Com a criação da Lei Geral do Ensino, de 15 de Outubro de 1827, se efetivou a inserção da mulher na condição de professora formadora na sociedade e ela passou a ocupar um lugar oficial de estudante, e logo após, de docente. A Lei em questão destacava também a igualdade no salário entre professoras e professores, e a necessidade de criação de escolas para meninas. Embora tivessem ocorrido avanços sociais sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho, no contexto social, grande parte da sociedade conservadora ainda não valorizava a instrução feminina, e a criação de escolas para o ensino feminino.

A MULHER É NATURALMENTE EDUCADORA?

A historiografia assinala que a profissão de professora ora é representada como vocação, ora como dom ou como missão, simplesmente. Era como se as mulheres, por apresentar essas características, “naturalmente”, estariam predestinadas a desempenhar o ofício de professoras. Nesse contexto, algumas indagações se colocam como pontos a serem investigados: Como as mulheres professoras da sociedade atual se veem e como veem a profissão que exercem? Como falam sobre sua profissão? O que as motivou a escolher a profissão de professoras? A pesquisa que realizamos busca compreender, segundo a perspectiva das próprias professoras investigadas, a essas indagações.

Segundo Almeida (1998) ao longo do século XVIII e XIX as mulheres eram totalmente submissas aos seus pais e, depois, ao se casarem, continuariam submissas, aos maridos. Dentre as primeiras obrigações de uma mulher casada constava cuidar do lar e dos filhos. Nesse período a instrução feminina tinha pouco valor, e as mulheres eram preparadas primeiramente para o cuidado doméstico. A presença delas no magistério era pequena, mas, gradativamente, elas eram inseridas nas escolas, primeiro na condição de alunas, e, depois, iam, aos poucos, conquistando espaço, até conquistarem o direito de exercer a profissão.

Com a permissão da sociedade e do governo (uma parte dele), as mulheres obtiveram o direito de frequentar as escolas e futuramente o magistério, a partir de então, na sociedade daquela época (século XIX) cresceram os discursos sobre vocação e missão feminina para educar as crianças, e no século XX com o poder que a escola e a educação escolar vinham conquistando, a crença de que as mulheres nasceriam com a missão de educar ganhava força, isso por

considerarem as mulheres mais amáveis com o próximo, criando-se assim paradoxos de destinação para tal. A sociedade colocava nas mãos femininas a responsabilidade de guiar e instruir a infância (ALMEIDA, 1998).

Ao longo de todo o século XX um tipo de pensamento que se estendeu foi a destinação vocacionada da mulher para educar as crianças, nas mãos das mulheres era depositada a responsabilidade por educar, moralizar, criar valores, formar opiniões. A inserção feminina no magistério seria uma destinação natural, isto visto as qualidades das quais as mulheres eram possuidoras, pois se acreditava que elas eram capazes de promover a educação às crianças, desde a mais tenra idade, numa relação que era estabelecida pela maternidade, pois a sociedade da época julgava que as mulheres eram mais ternas e amáveis conforme considera Almeida (1998):

O discurso ideológico construiu uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às ideias de domesticidade e maternidade. Essa ideologia teve o poder de reforçar os estereótipos e a segregação sexual a que as mulheres estiveram submetidas socialmente ao longo de décadas, por entender-se que cuidar de crianças e educar era missão feminina e o magistério revelar-se-ia seu lugar por excelência (ALMEIDA, 1998, p. 64).

Compreendemos a partir do que considera a autora, que a visão de mãe era associada ao papel de educadora, e nesse sentido, as mulheres eram vistas como quem tinha a missão de educar as crianças, e essa era uma ideia colocada como algo natural a elas, que, por sua vez, assumiam o discurso da missão de lecionar, de serem professoras, pois era a profissão que mais se aproximava da maternidade.

No início do século XX as mulheres efetivaram suas primeiras conquistas no campo pedagógico, e começam a frequentar as escolas normais que deveriam formar professores, mas os valores sociais ainda eram de certa forma impostos a elas, ou seja, elas cresceriam com o destino de serem mães, esposas e em caso de necessidade, professoras (ALMEIDA, 1998). Assim a profissão de professora por muitos anos foi a única em que as mulheres puderam exercer em um trabalho fora do espaço privado do lar e sua inserção no espaço público, pois os demais campos de trabalho lhes foram vedados.

As diferenças entre o sexo feminino e masculino, conforme observa Bourdieu (2002, p. 20) se dá, tendo em vista que a diferença biológica era outro fator responsável por estabelecer tais diferenças. Sob tal perspectiva “a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, na divisão social do trabalho”, logo, a mulher deveria exercer um trabalho que não lhe exigisse muito, que fosse inferior ao trabalho exercido pelos homens.

Lentamente as mulheres foram ganhando espaço e visibilidade na educação, enfrentaram discursos preconceituosos e passaram a se fazer mais presentes nas instituições normalistas de ensino (escolas públicas da época), buscavam preparo para a vida e uma profissão que lhes permitisse viver do seu trabalho.

Ao longo da história, as mulheres foram se constituindo professoras, mas elas ainda deveriam ser instruídas de forma que beneficiassem o bem-estar do marido e dos filhos, por isso, os conteúdos a serem ensinados a elas não eram os mesmos ensinados aos homens. As mulheres ainda eram consideradas inferiores aos homens na realização de outras atividades remuneradas.

A feminização no magistério era vista na perspectiva de benefício aos homens e a igreja; o catolicismo foi um dos grandes influentes no processo educacional feminino, para o catolicismo era uma destinação natural às mulheres educarem as crianças. A instrução feminina não tinha

muito valor em meados do século XIX e XX, assim os conteúdos mais relevantes a serem ministrados às meninas, eram de natureza doméstica.

Quando se falava em instrução para as filhas mulheres, alguns pais (burguesia) preferiam que suas filhas fossem educadas em casa visando sua preparação para o casamento, assim, a educação das mulheres tinha a finalidade de prepará-las para o cuidado doméstico com o marido e os filhos. Assim, Almeida (1998) observa:

[...] o que sempre se esculpiu nas vidas femininas foi um entrelaçamento de destinos incorporando sujeitos históricos aspirando por um lugar próprio no tecido social e uma profissão que se adaptou perfeitamente àquilo que elas desejavam, aliando ao desempenho de um trabalho remunerado as aspirações afetivas que sempre lhes foram definidas pela sociedade. (ALMEIDA, 1998, p. 26).

Como podemos notar, ser professora estava, de acordo com a discursividade do período, destinado às mulheres, pois a profissão possibilitaria o trabalho em meio período, de modo que as mulheres pudessem aliar seu ofício de professoras às tarefas domésticas. Elas deveriam continuar com os cuidados da casa e da família, o que se explicaria, segundo Oda (2000), pela divisão de papéis na sociedade, papéis femininos e masculinos em seus contextos específicos, e, nessa assimetria, o domínio masculino prevalecia.

Na perspectiva de divisão de papéis na sociedade, as autoras Almeida e Soares (2012) discutem que mesmo diante das conquistas femininas, no decorrer dos anos as mulheres ainda convivem com a violência e a desigualdade, diferença essa que estabelece e se fortalece como subordinação feminina nas esferas sociais, ou seja, mesmo diante dos avanços tecnológicos que a sociedade contemporânea vem conquistando, alguns ainda consideram e naturalizam que o espaço doméstico é essencialmente feminino. Assim as autoras afirmam:

[...] o mundo do trabalho, mesmo que seja no nível superior e seus agentes serem sujeitos intelectualizados, não está isento da produção e da reprodução dos mecanismos veiculados nas relações de alteridade, nas quais as questões de gênero incidem com especial impacto, por conta de naturalizarem o âmbito doméstico como espaço essencialmente feminino (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 565).

Determinadas concepções e pensamentos são adquiridos pelas diferenças de gêneros em suas construções sociais, no qual a sociedade impôs papéis específicos aos homens e às mulheres. Para as autoras os gêneros dão significados às relações de poder entre homens e mulheres e estão ligados ao processo de construção social, e à maneira como a escola age em relação aos meninos e às meninas, o que parece ser fundamental no processo de construção de identidades de gênero (ALMEIDA; SOARES, 2012).

Para Louro (2004) não é possível que compreendamos a história das mulheres em sala de aula sem notar que essa história também se deu nas relações de gênero, ou seja, representações do masculino e feminino, na qual eram estabelecidos seus lugares na sociedade. O gênero entendido como uma construção social, atrelado à igreja e à classe social pode ser compreendido como determinante nos papéis exercidos pelo homem e pela mulher na sociedade.

Assim, a força particular masculina vem se perpetuando e se condensando na sociedade, a qual legitima essa relação de dominação do masculino sobre o feminino, inscrevendo-a em uma natureza biológica, que por sua vez é uma construção social naturalizada (BORDIEU, 2002),

sendo considerada biológica, os indivíduos tendem a compreender por natural, logo reproduzem o discurso e as práticas de dominação na sociedade ao longo das décadas.

Compreendia-se que, sendo as mulheres as principais responsáveis pela educação de seus próprios filhos, estariam aptas para ensinar, também, aos filhos dos outros. A ideia de que as mulheres teriam uma “vocação inata” para lecionar. Criou-se então um paradigma de mulher-mãe-professora que iria iluminar os saberes e a moral das crianças, e assim, as professoras seriam capazes de formar e transformar as consciências. Sob a responsabilidade delas, a sociedade visava uma educação voltada à paz e à igualdade social. Ser professora então passou aos poucos, a ser considerada uma profissão digna e de prestígio.

A PROFISSÃO DE PROFESSOR (A) NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na segunda metade do século XX as mudanças sociais aceleraram para um mundo que se tornou mais tecnológico. As várias visões sociais voltadas para o capitalismo e para a burguesia passaram a considerar o trabalho feminino como forma da família alcançar maior bem-estar social, e ser professora naquele contexto, passou a ser uma profissão que vinha conquistando reconhecimento.

Assim, se torna necessário refletir sobre a profissão de professor(a) na contemporaneidade, pois no contexto atual, do século XXI, os problemas enfrentados pela profissão ainda estão atrelados às condições políticas, econômicas e sociais, as quais incidem diretamente na escolha da profissão e principalmente na atuação do professor em sala de aula, dado que em sua maioria, aos professores ainda é determinado o modo de conduta (política), visando atender aos interesses dos grupos dominantes, sobretudo, do Estado.

Refletindo sobre a profissão de professor(a), Nóvoa (2003) observa que a docência é controlada pelo Estado, que atribui ao professor a condição de funcionário e lhe priva da autonomia, realizando prescrições que retiram do professor o controle sobre sua profissão, desse modo, coloca mais uma vez o professor(a) na condição de subordinado.

Hagemeyer (2004) por sua vez, considera que a profissão docente se depara com um processo de valorização/desvalorização nas últimas décadas, enfrentando críticas e perdas de identidade. Nesse sentido, a escolha da profissão nem sempre acontece por vocação ou destinação conforme se defendia na sociedade do século XIX, mas devido às necessidades de as mulheres adentrarem no mundo do trabalho e, conquistar uma profissão, outros fatores estão relacionados à falta de condições financeiras.

É da maior relevância discutir as problemáticas em torno da profissão de professor na contemporaneidade, tendo em vista, as transformações sociais e suas implicações em sala de aula, sobretudo, no contexto social, pois subtende-se que o professor deve ser um profissional capaz de aguçar a consciência crítica dos indivíduos, usando a educação como instrumento de luta, visando a proteção da exploração da classe dominante, logo, a escolha da profissão não deveria se pautar na vocação ou destinação ao sexo feminino, ou mesmo à falta de opção, mas ser motivada pelo desejo de atuar efetivamente no processo de transformação social.

Conforme podemos notar, a profissão docente passou/passa por um processo de intensas discussões no contexto atual, e refletir sobre esse assunto requer analisar os problemas políticos, sociais, culturais, econômicos que de forma direta ou incidem sobre a educação escolarizada.

Diante do quadro exposto até aqui, consideramos que no tempo presente se faz necessário que as mulheres reivindiquem cada vez mais seu espaço no mundo do trabalho, na condição de professora ou não, visando se tornarem autônomas, tendo em vista efetivarem sua emancipação em todos os níveis sociais, pois se infere que se elas não conseguem compreender

o controle por meio do poder ao qual estão submetidas, podem ficar limitadas no campo em que atuam, apenas reproduzindo os discursos de dominação masculina naturalizado socialmente, logo corroborando para que mulheres continuem ocupando os lugares e profissões que condizem com o gênero feminino. Ou seja, lugares assinalados como inferiores na divisão do trabalho, conforme explica Bourdieu (2012).

AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS: uma breve apresentação

Na realização da pesquisa in loco, as entrevistas foram realizadas com um grupo de 6 (seis) professoras da rede pública de ensino da cidade de Barra do Bugres/MT, onde as participantes da pesquisa falam de si e da escolha da profissão, evidenciando sua história e os momentos marcantes vivenciados na docência. Metodologicamente, optou-se por substituir os nomes das professoras por nomes fictícios, tendo em vista, não expor os sujeitos participantes da pesquisa, o que nos foi uma preocupação ligada à ética na pesquisa.

Na sequência, passamos a uma breve apresentação das professoras colaboradoras da pesquisa.

A professora Lurdes tem 55 anos, viúva, dois filhos, é docente há 24 anos na rede pública de ensino, formou-se em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, possui especialização em Psicopedagogia pelo Instituto Cuiabano (ICE). Ela falou sobre como se tornou professora, segundo seu depoimento: *as dificuldades da vida, eu fiquei viúva com 25 anos de idade e eu fui trabalhar de empregada doméstica para tratar dos meus filhos [...] fiz a faculdade me formei, fiz especialização, mas foram as dificuldades que me tornaram professora.*

A Professora Juliana, 48 anos, casada, três filhos, é graduada em Pedagogia e leciona há três décadas na rede pública de ensino. Relatou-me os motivos de ter se tornado professora, que segundo ela: *foi motivo do destino, eu estava estudando e na época surgiu uma oportunidade, quem tinha um grauzinho a mais de estudo né [...].*

Mônica, 45 anos, solteira e tem uma filha. Graduada em Pedagogia, leciona há 22 anos na rede pública de ensino. Relatou que se tornou professora porque: *desde pequena eu tinha uma professora na 1ª série com muita paciência e eu já admirava o trabalho dela quando eu estudava com ela [...], e porque na época não tinha muitas opções.*

Ana, 23 anos, casada, não tem filhos, graduada em Letras há pouco mais de três anos. Ana relatou que se tornou professora porque: *na verdade eu não escolhi ser professora eu optei pelo curso de letras porque não tinha opção, o meu sonho era ser psicóloga só que no momento o vestibular que eu fiz pra ser psicóloga eu não consegui passar com a média do Enem.*

Isabel, 41 anos, é casada e tem duas filhas, graduada em Pedagogia há cinco anos e leciona há 10 anos na rede pública de ensino. Ela relatou que se tornou professora porque: *[...] era um sonho que eu tinha desde criança, aí sei lá eu olhava gostava, achava bonito, sempre brincava em casa e eu escrevia na parede, nas portas, aí quando eu terminei o meu ensino médio logo me chamaram para substituir, fui substituindo[...].*

Adriana, 26 anos, solteira, não tem filhos. Graduou-se em Letras há pouco mais de três anos. Contou que se tornou professora porque: *na verdade foi meio assim na pressão pra fazer uma faculdade [...] eu sempre pensei; o que eu vou fazer? Não gosto de nada pesado aí pensei: vou fazer Letras, ou seja, nunca foi meu objetivo, mas, foi meio que vamos porque vamos.*

Como se pode observar, a partir das narrativas das professoras entrevistadas, os motivos que as levaram a escolher a profissão de professora foram os mais variados. Cada resposta a nós dada, permite compreender que diferentes aspectos marcaram suas histórias de “escolha” da profissão. Muitas delas levadas pela contingência em algum momento de suas vidas.

Numa perspectiva metodológica as entrevistas das professoras, que se constituem como *corpus* empírico de análise, serão expostas por temas, os quais foram organizados de acordo com as questões do roteiro de entrevista realizada com as professoras participantes da pesquisa. As perguntas feitas às professoras privilegiaram alguns aspectos específicos de suas histórias e neste sentido foram organizadas na seguinte ordem: 1) escolha da profissão; 2) o que significa para cada uma delas ser professora; 3) Início de carreira e conquistas alcançadas através do magistério.

A ESCOLHA DA PROFISSÃO

A primeira pergunta que constou no formulário de pesquisa referiu-se ao modo como as professoras entrevistadas havia se tornado professoras. Logo em seguida, lhes perguntamos por que haviam escolhido essa profissão? Mônica e Isabel relataram que desde quando eram crianças admiravam suas professoras, gostavam, achavam bonito ser professora, devido também a algumas dificuldades da vida, por não haver muitas opções de trabalho que elas consideram agora, no momento da realização da entrevista, como bem remunerado, e então, relatam que surgiu a oportunidade para ambas, que contaram que deram início ao trabalho docente sem ter iniciado a faculdade ou o magistério.

A professora Mônica, por sua vez, relatou o seguinte: *desde pequena eu tinha uma professora na 1ª série com muita paciência e eu já admirava o trabalho dela quando eu estudava com ela [...], e porque na época não tinha muitas opções* (MÔNICA. Entrevista gravada em: 03/03/2015).

Diante da narrativa de Mônica, podemos compreender a admiração que nutriu por sua professora do ensino fundamental, sendo que tal professora era movida de grande paciência para ensinar, e assim, conforme ela rememorou, despertou-lhe o interesse pela docência. Compreende-se também que não havia muitas opções de trabalho para ela, esse foi outro aspecto que incidiu diretamente na escolha de sua profissão.

Quando trabalhamos com entrevistas, na perspectiva da história oral, nos preocupamos em compreender como a memória funciona, uma vez que toda narrativa é narrativa de identidade, e os acontecimentos do passado, ao serem narrados no presente, são interpretados pelo narrador. Agora, no presente, ele/ela é outro/a, e não se pode perder de vista que quem suscita ao passado as indagações é o presente. Sob tal perspectiva, Custódio (2014) considera que as memórias das professoras narradoras de Barra do Bugres, manifestaram-se através da linguagem, e o evento da entrevista possibilitou a essas mulheres, sujeitos das memórias da educação, a construção de sentido em relação ao que elas viveram junto ao grupo, constituído como comunidade de memória, da qual o sujeito que narra fez/faz parte. Sob tal perspectiva, ao ser representado através da linguagem por meio da narrativa das professoras, o passado não se presentifica como de fato aconteceu, contudo, tendo como inspiração o conceito de representação de Chartier (2009), ao ser representado permite “vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER, 2009, p. 49 apud CUSTÓDIO, 2014, p. 62). O que remete diretamente, a uma discussão a respeito das identidades.

Analisando a narrativa da professora Mônica, identificamos aspectos mencionados por Jules Michelet (1995) de que o gênero feminino por ser considerado afetuoso, terno e movido pela paixão, assim, torna a mulher essencial para educar as crianças (MICHELET, 1995 apud MONTEIRO, 2012). E a professora Mônica destacou uma característica de uma de suas professoras da infância, que para ela foi marcante: a paciência, e que parece ser algo próximo daquilo que considerou Michelet (1995).

Isabel em sua narrativa se aproxima do que relatou Mônica no que diz respeito a admirar e gostar da profissão de professora, conforme transcrito: *Olha na verdade era um sonho que eu tinha desde criança, sei lá eu olhava gostava, achava bonito, sempre brincava em casa e eu escrevia nas paredes, nas portas, aí quando eu terminei o meu ensino médio logo me chamaram para substituir [...]*. (ISABEL. Entrevistada gravada em: 13/03/2015). Compreende-se que a professora Isabel almejava conquistar a profissão de professora, e isto era para ela um sonho que tinha desde a infância, pois como relatou, ela já gostava e achava bonito ser professora.

A professora Juliana, por sua vez, relatou-nos que a escolha da profissão: *foi motivo do destino, eu estava estudando e na época surgiu uma oportunidade, quem tinha um grauzinho a mais de estudo né [...] eu já brincava de professora mesmo antes de saber nada*. Analisando a narrativa de Juliana, compreendemos que ela se tornou professora, pois obteve uma oportunidade de trabalho, além de também já idealizar ser professora desde a infância, ou seja, Juliana nutria certa paixão pela docência.

Diante da narrativa da entrevistada e conforme compreendemos os motivos que a fizeram se tornar docente, evidenciamos o que assevera Marlete Schaffrath (1999) sobre os discursos de vocação, para a autora “os discursos de vocação e paixão eram usados como mecanismo para induzir as mulheres a escolherem profissões menos valorizadas socialmente”, ou seja, era totalmente adequado às mulheres admirarem a profissão por se caracterizar como um trabalho feminino, a admiração que Juliana tinha pela profissão, deu-se devido ao conjunto de relações sociais nos quais ela estava inserida (SCHAFFRATH, 1999, apud GONÇALVES, 2014).

Ainda é possível observar na narrativa de Juliana, quando ela considerou que: *“foi motivo do destino”* o fato dela ter se tornado professora. Conforme avalia a autora Almeida (1993) um discurso que se estendeu ao longo dos séculos, foi a destinação vocacionada às mulheres para educar as crianças, ou seja, era destino delas, pois na discursividade da sociedade elas nasciam predestinadas a serem professoras, desse modo é perceptível na narrativa da entrevistada que ela considera ter nascido predestinada para tal função. Para ela, “o destino” foi o motivo de ter se tornado professora.

Distintamente do que relatou Mônica, Isabel e Juliana, a professora Ana em sua narrativa declarou que seu objetivo não era ser professora, mas como ela não havia sido aprovada no curso que desejara, então, ela fez o curso de Letras por não ter opção, conforme transcrito: *“Na verdade eu não escolhi ser professora eu optei pelo curso de Letras porque não tinha opção, o meu sonho era ser psicóloga”* (ANA: Entrevista gravada em: 10/03/2015).

Ana expressou em sua narrativa o sonho e desejo em ser psicóloga, mas não possuía condições de cursar psicologia, então tornou-se professora por falta de opção. Compreendemos diante da narrativa da entrevistada, o descontentamento por não ter sido, segundo ela, sua escolha ser professora, porém, mesmo tendo relatado que se tornou docente por falta de opção, fazer o curso foi uma opção por parte dela, mesmo que não fosse o curso desejado. Ela poderia nem ter estudado.

Diante do que expressou Ana e conforme considera consideram as autoras Donato e Teodora (2009) é importante observar que a profissão de professor passa por um processo de intensas discussões, sendo necessário refletir sobre os procedimentos de escolhas, no qual estão presentes os aspectos sociais, culturais e econômicos. No caso de Ana o fator econômico foi um dos principais responsáveis pela escolha da profissão.

A narrativa da professora Adriana se assemelha a narrativa de Ana, pois ambas mencionaram que não era seu objetivo ser professora, conforme transcrevemos: *“Na verdade foi meio assim na pressão pra fazer uma faculdade [...] nunca foi meu objetivo, mas foi meio que vamos porque vamos”* (ADRIANA. Entrevista gravada em: 20/03/2015).

Diante da narrativa de Adriana, na qual ela relatou ter feito o curso de Letras por “pressão” de fazer uma faculdade. A pressão, muito provavelmente vinha da família, e esse aspecto pontual presente na narrativa da professora nos remete ao que consideram os autores Volpato, Baumer, Azeredo e Domingui (2011), de que a família exerce grande influência na escolha da profissão dos filhos, e que nem sempre os jovens optam pela docência devido à desvalorização que a profissão de professor tem sofrido. Compreende-se que Adriana optou pela profissão devido às pressões familiares, a fim de que tivesse uma profissão.

Com uma narrativa distante das demais entrevistadas, num discurso permeado de dificuldades, a professora Lurdes narrou como e por que se tornou professora, sendo que em sua narrativa ela declarou não ter sido motivo do destino, nem sonho, mas as dificuldades da vida, ou seja, podemos observar as contingências empurrando na direção de uma escolha. A professora declarou que foram as dificuldades de vida que a tornaram professora, e com a ajuda de seu pai e o apoio do Prefeito da cidade onde morava, ela passou a lecionar.

As dificuldades da vida né! Eu fiquei viúva com 25 anos daí eu fui trabalhar de empregada doméstica para tratar dos meus filhos [...] o Prefeito naquela época me deu uma sala de aula quando eu terminei o 1º grau, [...] depois eu continuei meus estudos, terminei o magistério, fiz a faculdade me formei, [...] mas foram as dificuldades que me tornaram professora. (LURDES. Entrevista gravada em: 03/03/2015).

A fala de Lurdes estabelece uma relação com o que expõe Almeida (1998) quando observa que no século XX as mulheres conquistaram a oportunidade de estudar em caso de necessidades de um dia terem de trabalhar fora e viver de seu próprio sustento, mas ainda não poderiam concorrer com os homens profissionalmente, ou seja, na perspectiva de vida e trajetória de Lurdes sobre como e porque se tornou professora, compreendemos que por não haver muitas oportunidades de emprego as mulheres optavam pela docência, ressalva-se também, neste caso, a influência familiar como fator condicionante para o exercício da profissão.

A partir das narrativas das entrevistadas, notamos as diferenças entre as professoras que se graduaram há mais de duas décadas e as professoras que adentraram na profissão recentemente, sendo perceptível nos discursos de Adriana e Ana que a escolha da profissão não se deve ao caráter de vocação, predestinação, destino ou amor. Todavia, as narrativas de Mônica, Isabel e Juliana (docentes há mais de 1 década) vão ao encontro de um discurso forte e convincente que considera a vocação como mola propulsora para que as mulheres se tornassem (se tornem) professoras. Além disso, é possível observar a partir do que elas dizem que ter uma profissão era sim considerado como a realização de um sonho. Elas também atribuíram outros adjetivos na escolha da profissão de professora como: paixão e admiração por este ofício.

A questão número dois do nosso roteiro de entrevista referia-se ao que para elas é *ser* professora, e as respostas foram as mais variadas possíveis.

O QUE É SER PROFESSORA?

Lurdes relatou que por meio da profissão de docente, as mulheres puderam alcançar seu espaço na sociedade e a tão desejada independência financeira. Segundo a entrevistada:

Eu percebi que as mulheres alcançaram muitas vitórias [...], diferente de antigamente que as mulheres não tinham voz ativa nem nada, penso que hoje
as

mulheres estão em um patamar bem avançado de vida, [...]. Eu Alcancei minha independência financeira em virtude dessa profissão. (LURDES: Entrevista gravada em: 03/03/2015).

Diante da narrativa de Lurdes, observamos alguns pontos que nos faz lembrar o que diz Hindiamara Oda (2000), a inclusão da mulher no mundo do trabalho proporcionou sua luta pela igualdade e pela independência financeira vinculada ao trabalho fora do lar, assim sendo, é notório no discurso de Lurdes as representações de orgulho pela conquista/autonomia financeira, adquirida pelo trabalho para além do ambiente doméstico.

A narrativa de outra professora, Juliana se assemelha a narrativa de Lurdes, pois ambas relataram que obtiveram diversas conquistas por meio de sua profissão, todavia, Juliana acentua que as mulheres estão cada vez mais conquistando o mundo do trabalho em diferentes áreas profissionais. Juliana realizou a seguinte reflexão:

Eu vejo assim, que a mulher de uns 20 anos pra cá [...], ela teve muitos avanços na educação, inclusive a gente não vê quase homem na educação, antigamente a gente tinha quatro professores homens e hoje temos apenas dois [na escola em que ela trabalha]. A mulher se destacou muito no mercado de trabalho [...] as mulheres estão invadindo o mercado de trabalho [...]. Eu tive muitas conquistas na minha vida (por meio da profissão), porque nós éramos muito humildes e pra começar eu pude dar sustento pra minha família [...]. (JULIANA: Entrevistada gravada em: 03/03/2015).

Compreendemos que a narrativa da professora é carregada de representações sobre a feminização no magistério, sendo assim, é possível retomarmos ao que diz a autora Guacira Louro (2004) a qual acentua o abandono dos homens nas salas de aulas, pois com a ampliação de recursos e com a industrialização, eles viriam a procurar profissões consideradas mais valorizadas e as mulheres tornaram-se maioria nas escolas.

A professora Isabel, assim como Juliana e Lurdes, relatou que as mulheres estão em todas as áreas de trabalho, efetivaram suas conquistas e estão presentes em todas as áreas profissionais:

Na área profissional as mulheres estão alcançando o mercado de trabalho com mais autonomia [...]. Olha primeiro foi a profissão, era um sonho que eu tinha e eu consegui [...], ainda não estou realizada mas me sinto muito feliz. Várias coisas eu consegui por meio da minha profissão. (ISABEL: Entrevista gravada em: 13/03/2015).

Em sua narrativa Isabel destacou que as mulheres conquistaram seu espaço em diversas áreas no mercado de trabalho, e que sua primeira conquista foi a profissão, um sonho que ela pôde realizar. A narrativa da professora vai ao encontro com o que discute a autora Jane Almeida (1998) quando destaca que ao longo do século XVIII e XIX a instrução feminina tinha pouco valor, e a presença do magistério era pequena, mas, gradativamente, as mulheres foram inseridas nas escolas, primeiro na condição de alunas, e depois, aos poucos, conquistaram seu espaço, e, conseqüentemente, conquistaram o direito de exercer a profissão de professora.

Em uma narrativa próxima das de Lurdes, Juliana e Isabel, a professora Mônica também afirma que as mulheres ganharam visibilidade no trabalho, mas que ao mesmo tempo, receberam muitas responsabilidades. Mônica nos relatou que conquistou muitas coisas por meio da profissão, inclusive a alimentação:

[...] a mulher conquistou de maneira geral todos os níveis profissionais [...], mas às vezes eu paro para analisar friamente, tem o outro lado da moeda, a gente conquistou muito espaço e muita responsabilidade [...]. A gente que é casada trabalha muito fora e quando chega em casa tem que ralar do mesmo jeito [...] a jornada é dupla e às vezes tripla, a gente tem que dar conta tanto aqui (escola) quanto em casa [...]. Eu conquistei muitas coisas, principalmente a alimentação que eu não tinha, hoje em dia tem mais facilidade. (MÔNICA: Entrevista gravada em: 03/03/2015).

A partir da narrativa de Mônica, retomamos alguns pontos do que observa a autora Jane Almeida (1998) quando destaca as responsabilidades que as mulheres obtiveram por meio da profissão, pois tornar-se professora possibilitou às mulheres aliar o seu trabalho doméstico à maternidade, mas também criou responsabilidades quanto ao ato de ensinar e educar, pois do modo como ensinavam aos seus filhos, uma vez que cabia a elas a educação deles, deveriam ensinar também os filhos dos outros. Percebemos que Mônica sente o peso da responsabilidade que repousa sobre ela e destaca também a dupla jornada, ter de conciliar os afazeres domésticos com sua atividade profissional.

A professora Ana em sua narrativa relatou que suas conquistas se deram pelo lado pessoal, ou seja, em relação ao respeito ao próximo, segundo ela, aprendeu a ouvir mais e respeitar mais as opiniões diversas, e que por meio da profissão de professora as mulheres conquistaram sua independência, conforme destacamos: “*Independência. Pra mim foi uma experiência muito grande e eu conquistei no sentido de conhecimento, eu percebi/aprendi a lidar melhor com as pessoas a ouvir mais [...]*”. (ANA: Entrevista gravada em: 10/03/2015).

Em sua representação sobre as conquistas efetivadas pelas mulheres, Ana considerou em uma palavra, que a conquista das mulheres foi a “independência”, nesse sentido e de acordo com o que considera a autora Almeida (1998):

No mundo ocidental mais desenvolvido, a constatação da capacidade feminina para o trabalho fora do ambiente doméstico e o conseqüente ganho de autonomia que isso poderia proporcionar, mais as necessidades de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias, iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado no resguardo do espaço doméstico e no cumprimento da função reprodutiva (ALMEIDA, 1998, p. 27).

Ou seja, a independência que as mulheres obtiveram ultrapassou o lado financeiro, foi uma independência de modo geral, desde a saída do ambiente privado do lar até a conquista do magistério e do espaço público, o que gerou discussões na sociedade.

A professora Adriana assim como Ana, afirmou que as mulheres puderam alcançar sua independência por meio da profissão, e assim como a professora Juliana, Adriana também afirma que existem mais mulheres lecionando do que homens, o que nos faz compreender que a profissão de professora em seus discursos é uma profissão feminina, conforme declarou: “*Independência. Porque a maioria dos professores são mulheres né, e essa profissão querendo ou não é uma profissão ainda bem-vista, eu acredito que é uma independência*”. Quando relatou sobre suas conquistas por meio da profissão, a professora também enfatizou as conquistas materiais, ou seja, a independência financeira, sobre suas conquistas assim ela declarou: “*No sentido material muitas coisas e no sentido de aprendizagem também [...]*”.

Diante da narrativa de Adriana, a qual declarou que a maioria dos professores são mulheres, retomamos a autora Magda Chamon (2005) a qual assevera que as mudanças ocorridas

no magistério foram responsáveis pela construção do papel social das mulheres como professoras, no qual elas eram vistas como predestinadas para exercer a profissão e ao se tornarem presença expressiva na educação, os homens, por sua vez, foram se afastando da docência.

INÍCIO DE CARREIRA

A questão número três do nosso roteiro de entrevista referia-se ao início de carreira das professoras entrevistadas, assim, pedimos que relatassem como foi esse momento em suas vidas. Em sua narrativa Lurdes relatou que no início da carreira como docente, seu grau de formação era apenas a sexta série do ensino fundamental, então, quando iniciou o magistério, Lurdes já atuava como professora:

Quando eu comecei a fazer o magistério eu já estava há sete anos na sala de aula [...], eu fiz o magistério pra complementar os meus estudos e continuar na docência [...], mas eu já tinha experiência [...] quando eu comecei a dar aula eu vi que ali as pessoas que têm força de vontade iriam continuar, mas as pessoas que não tem força de vontade... (não concluiu). (LURDES: Entrevista gravada em: 03/03/2015).

Ao narrar sobre o início de sua profissão a entrevistada demonstrou sentimento de superação, pois encontrou algumas dificuldades em sua vida pessoal, mas que não a fizeram desistir da profissão. Compreendemos, segundo sua narrativa, que foi um desafio para ela adentrar em uma sala para ministrar aulas tendo estudado somente até a 6ª série do ensino fundamental.

Diante da narrativa de Lurdes sobre a superação das dificuldades, é possível retomar a autora Almeida (1998, p. 37) que observa: “a possibilidade de profissionalizar-se, via magistério primário era um meio das mulheres poderem vislumbrar uma chance de sustento sem a obrigação do casamento ou a humilhação de viver da caridade alheia”, então compreendemos que a docência permitiu à professora Lurdes sanar suas necessidades.

Isabel assim como Lurdes, destacou em sua narrativa que no início da profissão de professora, também não havia feito magistério, tampouco graduação, mas teve apoio de colegas para dar início à carreira como professora e atuar em sala de aula:

Na verdade, eu fui com orientação de colegas que já trabalhavam, né? Professores velhos meus que já conhecia como eu era em sala de aula, eles falavam; você é capaz, você vai conseguir, aí quando eu terminei a faculdade (a professora começou a lecionar quando terminou o ensino médio) eu achei que ajudou bastante, [...] facilitou bastante para mim ter feito a faculdade eu já trabalhando. Já tinha experiência da prática. (ISABEL: Entrevista gravada em: 13/03/2015).

Diante da narrativa de Isabel, compreendemos que no período que ela iniciou sua carreira como docente, outras professoras também haviam estudado apenas até o ensino fundamental e já exerciam o ofício de professora. A partir da narrativa da entrevistada, e conforme observa Louro (2004, p. 444), “Ler, escrever, contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos [...]”. E no caso da profissão de professoras, é interessante observar que, em se tratando de cidades de

colonização recente na Amazônia e no Centro-Oeste do Brasil, era muito comum que as mulheres que tinham maior nível de escolaridade na comunidade, se tornassem professoras. Foi o que se chamou de “professoras leigas”, ou seja, elas começavam a atuar a partir de uma necessidade específica vinda da comunidade em que viviam, e, somente depois, frequentavam instituições de ensino para aperfeiçoar a formação pela via da educação institucional (CUSTÓDIO, 2014)⁶.

Assim como Isabel, outras mulheres que iniciaram sua carreira profissional na docência haviam estudado apenas a primeira fase do ensino fundamental, logo era lhes permitido lecionar, e assim, é possível compreender a importância da conquista profissional na vida das mulheres, pois conforme a historiografia aponta, as mulheres que viveram no século XIX e início do século XX tiveram a oportunidade de inserir-se no mundo do trabalho graças ao magistério, e dessa forma, a docência foi para elas uma conquista muito significativa, visto que até então elas não tinha direito nem de frequentar a escola.

A professora Juliana tem uma narrativa próxima a de Lurdes, quando relatou sobre o início de sua carreira e o desafio que é, na sua interpretação, ser professora. Assim narrou:

Como a gente gosta do que faz [...], pra mim é um sonho, no início eu achei que não iria dar conta porque eu era uma criança naquela época, 18 anos pra mim era uma criança. [...] Todo trabalho no início é um desafio [...] Você ensina e você aprende, não pode desanimar e tem que ir à luta [...] (JULIANA: Entrevista gravada em: 03/03/2015).

Em sua narrativa sobre o início na profissão de professora, a entrevistada demonstrou orgulho pela profissão que exerce, ser professora segundo ela, “foi a realização de um sonho”. Juliana declarou que todo trabalho no começo é um desafio, e ser professora é ensinar e aprender ao mesmo tempo, e que não se pode desistir diante das dificuldades que aparecem, tem que haver persistência e reflexão da atividade diária.

Como antes as mulheres não tinham o direito de exercer nenhuma profissão fora do ambiente doméstico, compreendemos o orgulho que Juliana tem em ser professora, pois, por muito tempo as mulheres foram excluídas profissionalmente dentro sociedade, mas sua vontade de instruir-se, educar-se e ter uma profissão significou o manifesto de seus esforços, no qual elas enfrentaram as dificuldades que surgiram e conquistaram o que buscavam (ALMEIDA, 1998).

Com uma narrativa distinta das narrativas de Juliana e Lurdes, percebeu-se que a professora Mônica traz fortes representações em sua narrativa a respeito do ofício de professora. Para ela ser professora é ser de tudo um pouco, ou seja, sua representação está diretamente ligada à maternidade. Em sua narrativa Mônica declarou que a docência é uma profissão de múltiplas funções, e que desde o início de sua carreira foi desse modo. Segundo suas palavras:

Eu venho observando que as mães querem que nós demos essa questão de comportamento e eu tenho batido o pé nessa tecla com elas, porque a gente está aqui pra ensinar, pra contornar a situação, conversar, mas a questão do

⁶Trata-se de uma tese de doutorado em Educação, sobre memórias de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, aposentadas, que viveram em Mato Grosso o processo histórico de formação e consolidação de Tangará da Serra, município no qual tiveram suas experiências profissionais. Inscreve-se no campo de estudos da História da Educação e se inspira na História Cultural. A atenção da autora voltou-se, entre outros aspectos, à análise das relações entre a experiência profissional e as formas de representação do mundo social das professoras, expressas em suas narrativas sobre a experiência de migração e os diversos aspectos do exercício da profissão docente no contexto histórico específico. O problema de pesquisa indaga como esse processo é narrado pelas entrevistadas, decorrido quase meio século, considerando a década de 1960 do século XX (período de chegada das famílias das primeiras professoras entrevistadas).

comportamento, do princípio da educação vem lá de casa. Pela experiência que eu tive desde o início a gente acaba sendo de tudo um pouco [...] ser professora principalmente nos anos iniciais se você não ter coração, você não dá continuidade, porque a gente tem que ser profissional mas também tem que ter coração. (MÔNICA: Entrevista gravada em: 03/03/2015).

Em sua representação Mônica observou que desde o início da carreira as responsabilidades são constantes na profissão, e que o ofício de professora vem carregado de significados, mas que não se podem confundir os papéis. Em sua narrativa a professora afirma que a educação deveria vir da casa, mas nem sempre isso acontece. Mônica considera, que para ser professora tem que ser de tudo um pouco e tem que ter coração. Nesse sentido, ela expressa a presença da emoção que é necessária para desempenhar bem o ofício de professora.

A partir da narrativa da entrevistada, retomamos a ideia que coloca o ofício de professora como uma profissão que para ser exercida precisa encontrar meiguice e amabilidade, virtudes femininas e sendo dessa maneira, remete-nos novamente ao discurso de que ser professora é uma extensão da maternidade, e uma atividade de amor, na qual as professoras tinham cada aluno como filhos e filhas, assim observa Louro (2004, p. 450) “Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, entrega e doação”.

Com uma narrativa um pouco distante das professoras anteriormente mencionadas, a professora Ana, por sua vez, relatou que no início de sua carreira passou por alguns conflitos consigo mesma, mas que não se pode deixar influenciar pelas situações de dificuldades:

[...] nos dois primeiros meses foi um choque, eu chegava em casa e falava não aguento mais vou desistir, porque assim, na faculdade principalmente no curso de Letras na teoria tudo é bonito, a gente pensa que vai poder mudar o mundo, [...]o meu início de carreira foi frustrante, a gente espera uma coisa e se depara com outra realidade [...] então não é fácil [...], se eu fosse me deixar influenciar pelo meio eu já teria desistido. (ANA: Entrevista gravada em: 10/03/2015).

Diante do que narrou a professora Ana, compreendemos que o início de sua profissão como professora foi frustrante, isso devido a visão que ela tinha sobre a educação, sobre os modos como exerceria seu papel, contudo, mesmo com inúmeras dificuldades ela não se deixou influenciar pelo meio e seguiu tentando realizar da melhor forma possível o seu trabalho, diante da narrativa da professora e conforme observa Almeida (1998): “As professoras não só são responsáveis pelo trabalho que realizam como a elas compete dignificar, na esfera da sala de aula, na escola e no espaço público, sua profissão e sua imagem feminina trabalhadora” [...]. (ALMEIDA, 1998, p. 207).

Ou seja, diante das situações adversas tem de haver empenho de cada uma para realizar um trabalho de qualidade, e não desistir diante da primeira dificuldade, pois são elas as responsáveis pelo trabalho que lhes compete.

Adriana tem uma narrativa semelhante à narrativa de Ana, pois ela também relatou que no início de carreira ministrar aulas foi uma experiência de choque, ela também vivenciou alguns conflitos consigo mesma sobre a profissão, e em seu relato percebeu-se um desabafo quanto ao seu ofício como professora, desse modo relatou-nos:

Foi um choque! É um choque porque, é como eu comento com as meninas, rapaz se a universidade tivesse mais um convívio com o dia a dia da escola não formava professores, porque olha... (não concluiu). Não te falam nada como vai ser, é uma blindagem que colocam para o que você realmente vai encontrar,

é um choque [...]. A gente aguenta desaforo demais [...], tem que insistir pra fulano fazer a tarefa, fazer o dever, prestar atenção, isso pra mim já é humilhante demais. (ADRIANA: Entrevista gravada em: 20/03/2015).

Nos foi possível depreender da narrativa da entrevistada que ela se sente pressionada entre limites e possibilidades ao desempenhar o ofício de professora, pois a educação passa por profundas transformações frente às exigências profissionais, ou seja, segundo ela, os alunos não têm responsabilidade e o professor se sente chocado e constrangido diante das situações que enfrenta para ensinar, o que é um assunto discutido por Donato e Teodora (2009). Notamos ainda na narrativa de Adriana, que lecionar é uma tarefa difícil, que se torna mais árdua quando não há compromisso com a aprendizagem por parte dos alunos, e em algumas situações pode se tornar até “humilhante” ser professor.

Em todas as representações das professoras, foi possível percebermos que algumas narrativas se assemelham a outras, sobretudo, ao modo de verem as conquistas alcançadas através da profissão, pois tornar-se professora diante de uma sociedade conservadora foi a realização de um sonho, porém toda conquista vem permeada de dificuldades e desafios, no entanto, elas não desistiram diante das adversidades.

Notamos ainda o distanciamento nas representações das professoras que se formaram há mais de dez anos, comparado às professoras que se graduaram recentemente, visto que, para as que se formaram há mais tempo tornar-se professora foi um privilégio e uma conquista importante, e as que se formaram recentemente optaram pela docência por não terem outra opção.

Oportuno salientar, que a maioria das professoras entrevistadas relataram que a maior conquista alcançadas por elas foi a independência (em todos os sentidos), logo, mesmo que haja um distanciamento no tempo de formação das professoras, todas concordam que as mulheres conquistaram sua independência em virtude de ser professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da historiografia apresentada no decorrer da pesquisa, compreendemos que o processo da inserção das mulheres na área da educação deu-se lentamente. No primeiro momento elas obtiveram o direito de frequentar a escola apenas para que fossem agradáveis aos homens (pais, maridos e filhos). Depois de muitas insistências e lutas para conquistar sua independência, as mulheres apropriaram-se do direito de estudar e, em sequência puderam ministrar aulas para as crianças.

Importante ressaltar, que o espaço conquistado por elas ao longo dos anos foi crescendo lentamente, e assim, elas puderam ser professoras na condição de exercer um trabalho amador, o que viria a se tornar um “clichê”, uma vez que as mulheres eram consideradas as mais adequadas para educar na infância, pois, segundo o discurso corrente na sociedade, eram dóceis e amáveis, e assim, ninguém melhor que elas para exercer tal função.

Constatamos ainda, que os fatores socioeconômicos foram os grandes influenciadores na escolha da profissão, e que a maioria das professoras se tornaram docentes devido ao meio em que viviam; muitas delas em situações precárias transcenderam a condição social em que viviam e fizeram da profissão de professora, uma oportunidade.

Parece-nos pertinente mais uma observação em relação às narrativas das professoras. Em cada um dos casos, a escolha pela carreira docente foi motivada por algum aspecto que se sobressai e, em alguma medida, liga-se aos condicionantes históricos do momento vivido.

A partir das narrativas das entrevistadas, aprendemos que o início de carreira das mulheres como professoras não foi uma tarefa fácil, contudo, elas lutaram e reivindicaram seus direitos como cidadãs, e hoje tem plena liberdade de atuar nos mais diversos ofícios e profissões no mundo do trabalho. As mulheres que eram consideradas “seres inferiores intelectualmente”, hoje estão atuando em massa nas diversas áreas sociais, logo, acentuamos o que assevera Jane Almeida (1998, p. 208) “As mulheres não somente reivindicaram como forçaram sua inserção nesse campo profissional e conseguiram ocupá-lo em poucas décadas”, ou seja, as mulheres conquistaram e ainda tem muito para conquistar. As mulheres conseguiram, pela via da profissão de professoras, transcender o espaço privado da casa, e apoderaram-se da cena pública.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane. Soares de. **As professoras no século XX: mulheres como educadoras na infância.** Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2015.
- ALMEIDA, Jane. Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo: Unesp, 1998.
- ALMEIDA, Jane. Soares de; SOARES, Marisa. Mudaram os tempos, mudaram as mulheres? Memórias de professoras do Ensino Superior. In: **Avaliação**, Campinas, v. 17, n.2, p. 555-580. Julho 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v17n2/13.pdf>> Acesso em: 27 fev.2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11^o ed. Rio de Janeiro. Bertrand, Brasil, 2012.
- CUSTÓDIO, Regiane Cristina. **Memórias da migração, memórias da profissão: narrativas de professoras sobre suas vivências nas décadas de 1960 a 1980 (Tangará da Serra, MT).** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DONATO, Sueli Pereira; TEODORA, Romilda. Representações sociais do ser professor no contexto atual – desafios, incertezas e possibilidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE , 9, 2009, Curitiba. **Anais.** Curitiba. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2967_1481.pdf>http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2967_1481.pdf. Acesso em 14 abr. 2015
- HAGEMEYER, Regina Celi de Campos. **Dilemas e desafios docentes na sociedade atual: os sentidos da mudança.** Educar: Curitiba. n, 24. P. 67-85. 2004.
- LOURO, Guacira Lopes, Mulheres na sala de aula. p. 451-479. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** 7^a ed. São Paulo: Contexto, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a04.pdf>.

MONTEIRO, Ivanilde. Alves; GATI, Hajnalka, Halasz. A Mulher na história da educação Brasileira: Entraves e avanços de uma época. *Rev. Anais Eletrônicos*. João Pessoa, p. 3069-3094. Agosto 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.09.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

NÓVOA, A. *Profissão professor*. Porto: Ed. Porto, 2003.

ODA, Indiamara Hummler. Mulheres professoras: um jeito de ser e perceber-se Mulher. In: *Revista Mediações*, Londrina, v5, n2, p. 51-71, Jul./Dez. 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/916>> Acessado em: 15 jan. 2015.

VOLPATO, Gildo; BAUMER, Edina. Regina; AZEREDO, Jéferson. Luiz de; DOMINGUINI, Lucas. Desafios da Profissão e problemas na formação de professor na percepção de acadêmicos de Artes Visuais e Matemática. *Educação em Perspectiva*. Viçosa, v.2, n.2. p. 223-245, jul./dez.2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/142/64>> Acessado em: 10 fev. 2015.

Submetido em: julho de 2021

Aprovado em: dezembro de 2021